

## Resenha

# Resenha do livro *O naufrago da existência*, de Jair Barboza

Antonio Alves Pereira Junior<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Filosofia, Londrina, PR, Brasil

No livro *O naufrago da existência: Machado de Assis e Arthur Schopenhauer – Caricatura, paródia, tragédia e ética animal*, escrito por Jair Barboza, somos brindados com uma eloquente e original tese que veio para contribuir, ou até mesmo, quem sabe, ressignificar, retificar e restabelecer todo o entendimento que o público intelectual brasileiro possui de dois de seus personagens fictícios literários mais conhecidos e clássicos de todos os tempos, tratam-se do filósofo Quincas Borba e do cão de mesmo nome, bem como, o entendimento sobre as influências do autor desses, ou seja, Machado de Assis.

O livro de Jair Barboza foi redigido a partir do gênero narrativo *ensaio*, conduzido com rigor e sagacidade ímpar para apresentar de forma sistematizada, primeiro, o objetivo de provar que o filósofo Quincas Borba, é, na verdade, uma *caricatura* de Arthur Schopenhauer, e, segundo, que o *Humanitismo* – tal como Quincas Borba nomeia seu próprio sistema filosófico – corresponde a uma *paródia* do pessimismo metafísico de Schopenhauer. Portanto, os conceitos de *caricatura* e *paródia*, aqui, não são meramente abstratos ou de significado leviano, pelo contrário, são fundamentais para condução da demonstração e prova das teses propostas pelo autor.

O “naufrago da existência” a que se refere o título é uma forma de adjetivar poeticamente a morte prematura, designando uma comparação com o naufrago de um navio que não chega ao porto, como é o caso de Quincas Borba, que morre jovem, e o termo *caricatura*, que compõe parte do subtítulo, como nos ensina Jair Barboza (p. 25), “vem do italiano *caricare* e significa exagerar, sobrecarregar, intensificar os traços de uma figura, que é deformada em certas características corporais e fisionômicas, o resultado, sendo uma imagem cômica, no limite, grotesca” – na obra, portanto, a caricatura é utilizada como um método de análise estética, para investigar a oficina de criação de Machado de Assis e demonstrar que Quincas Borba é um exagero intensificado de Schopenhauer. Já a noção de *paródia*, que também consta no subtítulo, “vem do grego *παρωδία*, em que o prefixo *παρω* significa ‘junto a’, ‘semelhante a’, e o sufixo *ωδία* significa ‘ode’, ‘canto’. Paródia é, pois, uma ode, um canto semelhante. Ela tem, por conseguinte, um referente por ela imitado” (BARBOZA, 2022, p. 60).

Fato curiosíssimo que nos mostra Jair Barboza e que é impossível que passe despercebido mesmo para o público que não é versado nos estudos schopenhauerianos, é que ambas as personalidades aqui postas deixaram uma gorda herança testamentária para seus respectivos cães, Schopenhauer, como mostra sua biografia, deixou seus bens para o seu cão de nome *Ätman*, e, o filósofo Quincas Borba, para o seu cão que tem o seu nome. Antes, morreu o filósofo Schopenhauer, em Frankfurt, no dia 21 de setembro de 1860, abatido por sensações de sufocamento que o acompanharam nos seus últimos meses, após ter tido um curso de vida com dedicação extrema e exclusiva à filosofia, e, depois, naufragou Quincas Borba, o filósofo fictício brasileiro, cunhado pela pena e intelectualidade genial de Machado de Assis, depois de ter sofrido por período de moléstias e loucuras, isso porque, em seus últimos dias de existência, em correspondência que envia de viagem que fazia ao Rio de Janeiro para seu grande amigo, o professor Rubião, crê ele mesmo ser o próprio Santo Agostinho.

Rubião é personagem central da obra *Quincas Borba*, pois é o encarregado de cuidar do cão, já que antes da viagem que faz à Cidade Maravilhosa, o filósofo Quincas Borba acerta com o tabelião, de que seria Rubião o herdeiro de sua fortuna, com a condição de que este cuidasse do seu animalzinho como se pessoa fosse, e assim, temos caricaturalmente a repetição testamentária do filósofo de Danzig no enredo romântico machadiano.

Jair Barboza nos chama atenção para várias outras interessantes e peculiares intersecções entre Schopenhauer e Quincas Borba. Aqui, as pontuarei de modo sintetizado e tomando para isso a já referida divisão entre *caricatura* e *paródia*. Em relação à primeira, ou seja, a caricatura, com a intenção de provar que Quincas Borba (filósofo) é Schopenhauer, Jair Barboza mostrou em seu livro que:  $\alpha$ ) ambas as personalidades possuíram um cachorro herdeiro, tal como já demonstrado acima, decorrendo-se disso;  $\beta$ ) o grande amor que ambos tinham por cães; e também, outro aspecto curioso trata-se,  $\gamma$ ) da semelhança entre o figurino de altivez intelectual a partir de comparação de retrato de Schopenhauer e a descrição física do filósofo Quincas Borba, que trazia em sua aparência o mesmo orgulho e sobrecasaca (Cf. BARBOZA, 2022, p. 49).

Já em relação à *paródia*, que possui a intenção de mostrar que o conteúdo filosófico do Humanismo de Quincas Borba tem traços semelhantes com o pessimismo metafísico de Schopenhauer, destaco da obra de Jair Barboza o seguinte:  $\delta$ ) é na análise da crônica machadiana *O autor de si mesmo*, onde temos uma potente demonstração de toda a capacidade de Machado de Assis para utilizar-se da técnica da paródia, já que, nesta, o escritor faz uma excêntrica relação de uma notícia real, originalmente publicada em um jornal gaúcho, em que se narrava a tragédia ocorrida com Abílio, um menino de dois anos abandonado numa estrebaria pelos seus pais Guimarães e Cristina, e que, por fim, acaba morrendo cruelmente acometido durante três dias por bicadas de galinhas (Cf. BARBOZA, 2022, p. 63), no entanto, o mais importante disso, é que nesta crônica, Schopenhauer aparece como um personagem

fictício para analisar o ocorrido trazendo para narrar os fatos as principais teses apresentadas na *metafísica do amor sexual* (Cf. W II, Cap. 44).

Dado então a importante demonstração da extrema capacidade paródica de Machado de Assis, bem como sua expressa e direta conexão com Schopenhauer ao ter feito dele um personagem fictício, decorre-se ainda da paródia que faz do Humanitismo, velando o pessimismo filosófico de Schopenhauer: ε) que ambos, Quincas Borba e o filósofo Schopenhauer, tinham um sistema filosófico *quadripartitório*.

Para ter a prova disso, basta que se atente a organização d'*O mundo como vontade e como representação*, que é dividido em quatro partes fundamentais (também vale dizer, que até mesmo a tese doutoral de Schopenhauer já seguia essa estrutura, a saber, *Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente*), e compare-se com as palavras do personagem Brás Cubas, no importante capítulo CXVII, intitulado "*O Humanitismo*", em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, quando este diz que seu grande amigo e filósofo Quincas Borba leu-lhe sua grande obra, e que ela era composta por "quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um, com letra miúda e citações latinas" (ASSIS, 2016, p. 302);

Por fim, ζ) que tanto o Humanitismo como a filosofia de Schopenhauer possuíam intenções declaradas de desbancarem todos os sistemas filosóficos anteriores, a partir de uma substância cosmológica única, fruto do *monismo*, concepção filosófica que é fundamentalmente assumida por ambas as teorias. Portanto, aquilo que corresponde a *Vontade de vida* em Schopenhauer, seria para Quincas Borba o *Humanitas* (Cf. BARBOZA, 2022, p. 73).

Para finalizar, vale considerar que no livro aqui resenhado também é tratado aproximações entre Machado de Assis e Schopenhauer que dizem respeito à *ética animal*, *justiça eterna* e curiosas *especulações linguísticas* entre os nomes de Quincas Borba e Schopenhauer, tendo em vista a igualdade silábica e tonal de ambos (Cf. BARBOZA, 2022, p. 163), e ainda se examina rigorosamente sobre as opiniões contrárias ao ascetismo e ao estranho *otimismo* filosófico apresentado por Quincas Borba, tendo esse, bases assumidamente volterianas.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Mediafashion, 2016.

BARBOZA, J. **O naufrago da existência**: Machado de Assis e Arthur Schopenhauer – Caricatura, paródia, tragédia e ética animal. São Paulo: Ed. UNESP, 2022.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação**. Tomo II. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Ed. UNESP, 2015.

## Contribuição de autoria

### 1 – Antonio Alves Pereira Junior

Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-9284-0864> e [antonio.alves.pereira@uel.br](mailto:antonio.alves.pereira@uel.br)

Contribuição: Escrita – Primeira Redação

## Como citar este artigo

PEREIRA JUNIOR A. A. Resenha do livro O naufrago da existência, de Jair Barboza. **Voluntas Revista Internacional de Filosofia**, Santa Maria, v. 13, n. 1, e3, p. 1-5, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2179378670920>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.